

CATOLICISMO POPULAR E ETNICIDADE NO OESTE CATARINENSE

Arlene Renk¹

Resumo

Uma das fronteiras entre os colonizadores e a população local foi a religiosa. O “catolicismo antigo”, o catolicismo popular, não encontrava amparo no catolicismo romanizado. A religião constitui-se em campo com disputas pelas crenças, concepções de vida. Por muitos anos esse “catolicismo antigo” não tinha plena acolhida entre católicos e pentecostais. Nas últimas décadas, fração da igreja católica, através da pastoral cabocla, mostrou-se sensível, incorporando e legitimando as práticas culturais com estatuto de catolicismo popular. Esse movimento, ao contrário daquele do início da colonização, incentivou e organizou festas dos santos cultuados popularmente. Esse movimento espalhou-se a outras comunidades caboclas, inclusive, além do município de Chapecó.

Palavras-chave: catolicismo popular, cultura, caboclos.

¹ Respectivamente, Doutora em Antropologia e acadêmica do Curso de História, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Unochapecó. Pesquisa financiada pelo artigo 170, da Constituição Estadual.

A pesquisa trata da etnogênese do grupo de campesina [expropriado] nominado por caboclo, no oeste catarinense, do seu itinerário religioso, ou seja, de um catolicismo popular professado pela maioria dos caboclos do interior do país ao catolicismo romanizado, imposto pela Igreja Católica, por ocasião da colonização e desta às práticas do catolicismo popular com o beneplácito da Igreja Católica. Esse retorno ao catolicismo *antigo* ou popular apresenta-se como um delineamento de fronteiras sociais entre colonizadores e caboclos. Cabe ressaltar que fração significativa dos caboclos renegou o catolicismo *antigo* e o romanizado, convertendo-se ao pentecostalismo. Neste momento nos dedicaremos ao primeiro caso.

A desestruturação de um modo de vida anterior dos caboclos, com a desorganização da base morfológica do grupo de posseiros, alterou os diversos níveis de vida desse grupo. A alteração da base morfológica já mereceu estudos de Bourdieu e Sayad (1964) que, naquele caso, resultou na “crise de desenraizamento”. No caso aqui em questão, o momento da ruptura é o da colonização, isto é, quando a empresa colonizadora atinge as terras ocupadas pelos posseiros, afetando o seu modo de vida (RENK, 1997).

Como tratamos da religião, cabe uma digressão do que se entende por igreja. Neste texto utilizamos a perspectiva de Weber. Esse sociólogo entende as igrejas são empresas de bens de salvação que estão em constante disputa pela clientela, ou seja, pelos fiéis e pelo monopólio dos saberes sagrados (BOURDIEU, 1983, p. 37). Cabe lembrar que há um conjunto de preceitos sagrados sancionados, uma hierarquia religiosa e uma separação entre aqueles que detêm os poderes sagrados e aqueles (que seriam em princípio) destituídos desses saberes. Esse corpo que detêm os poderes sagrados são os religiosos, ou seja, padres, pastores e “profetas”, em disputa pelo monopólio dos saberes sagrados e dos fiéis.

Quando da colonização, algumas empresas não mediam esforços em assegurar religiosos aos novos moradores. De modo geral, a população predominante a entrar nas novas terras era católica. Não encontramos casos de conversão ou adesão ao protestantismo de imigração, no município. O processo de colonização e evangelização representaram a expropriação de um saber sagrado, aquele do catolicismo popular, no sertão oestino, desqualificando-o, atribuindo-lhe um status de herético, ou seja, o profano em oposição ao sagrado.

A título de ilustração, vejamos o que foi escrito pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983, p. 37):

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um *corpo de especialistas* religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de *um corpus deliberadamente* organizado de conhecimentos secretos (e, portanto, raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão e, *leigos* (ou *profanos*, no duplo sentido do tempo destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal.

A desapropriação objetiva designa tão-somente a relação objetiva que os grupos ou classes ocupando uma posição inferior na estrutura da distribuição dos bens religiosos, estrutura que se superpõe à estrutura da distribuição dos instrumentos de produção religiosa [...], mantêm com o novo tipo de bens de salvação resultante da dissociação do trabalho material e do trabalho simbólico bem como dos progressos da divisão do trabalho religioso. Constata-se que a desapropriação objetiva não implica forçosamente em um “pauperização” religiosa, ou seja, um processo visando acumular e concentrar entre as mãos de um grupo particular um capital religioso até então distribuído igualmente entre todos os “membros da sociedade”.

Mesmo convertidos, as relações entre caboclos e padres foram tensas (RENK, 1997). Não eram assíduos às práticas religiosas. Ora comportavam-se como “cristãos novos”, ingressantes na Igreja, mas sob grande vigilância pelo temor de não terem abandonadas práticas tradicionais, tais como, o batismo em casa e nas águas “santas”, antes ou depois daquele feito na Igreja Católica. Este último seria o único ritual legítimo a ser admitido. Eram desqualificados pelas crenças tradicionais, consideradas agora superstições, e por não fornecer filhos para as vocações religiosas, ao contrário dos italianos e alemães.

A constituição de instituições que têm em seu horizonte a cultura cabocla recebeu apoio da anterior igreja católica romanizada. A partir do documento de Santo Domingos a Igreja Católica, ou fração desta, passou a adotar um posicionamento diametralmente oposto às práticas anteriores. Partiu da cultura dos grupos para encontrar o Evangelho, não impondo o ritmo,

dogmas e sacralidades totalmente exógenas ao grupo. A mesma Igreja Católica foi a estimuladora do catolicismo popular junto algumas comunidades caboclas. Esse movimento encontra adesão na fração escolarizada e ocupante de cargos públicos ou posições de destaque na sociedade. A partir da vivência, conseguem transformar o estigma de ser caboclo em emblema e nessa reconversão, dentre outros itens, escolhem o religioso. Melhor dito, este torna-se mais visível, palpável. Inúmeros idosos vivenciaram as práticas religiosas de forma clandestina, similar à comparação aos “cristãos novos”, uma licença da história.

Os anos noventa do século passado e os primeiros anos deste século apontam a uma revivescência étnica no oeste catarinense. Na virada do século XX verifica-se a etnicização da fração de origem, com o acionamento das lealdades primordiais, em relação à Itália e Alemanha. Esse processo resulta no fluxo de bens simbólicos entre o Brasil e os países europeus, nos investimentos desses países para a difusão da língua, danças e convênios com grupos brasileiros (descendentes de europeus), na reconstituição de histórias familiares, na obtenção da dupla cidadania (para os descendentes de italianos). Em especial, no que diz respeito às jovens descendentes de alemães há um crescente fluxo migratório à Alemanha.

Há uma coincidência, de um lado um “despertar” de caboclos para seu reconhecimento positivado, entendendo-se como diferentes dos colonizadores, e incorporam traços da etnicização o da religião ancestral. Nesse momento, para *organização* dos caboclos a Igreja Católica, ancorada no Documento de Santo Domingos, incentiva o retorno às práticas tradicionais. Surgem os mediadores, como Pastoral Cabocla, políticos, lideranças sindicais, lideranças de movimento sociais e cria-se a Associação Puxirão Caboclo. Pretende-se *resgatar* os valores e traços materiais vividos pelos ancestrais.

Festas religiosas como festas étnicas

Dentre os diversos aspectos da religiosidade, ressaltamos o das festas caboclas. O caráter estrutural destas festas é a não cobrança dos alimentos, uma vez que todos doam parte, ou seja, há um caráter redistributivo que, segundo eles, diferenciaria os caboclos de outros grupos étnicos. Recorremos a Polanyi (1980) para estudar as festividades caboclas. Para nós foi a possibilidade de diferenciar entre as festas caboclas de outrora e aquelas

introduzidas na colonização. Estas últimas sempre tiveram um caráter utilitário para arrecadar fundos. O objetivo da festa esta nos fundos a serem obtidos.

As festas “legitimamente caboclas” não visariam lucro, nada é cobrado do comensal. Cada um contribui com o que pode e depois no almoço há a partilha, indiferenciada de quem contribuiu, principalmente aquelas com finalidade de “pagamento de promessas”. Estas festas estariam próximas à função redistributiva das sociedades arcaicas, na acepção do autor anteriormente mencionado. Os exemplos podem ser buscados nas contribuições às “Bandeiras” [Bandeira do Divino Espírito Santo], acumulando as esmolas para depois redistribuí-las na festa final; ou, na Mesada dos Inocentes. Esta era sempre realizada no dia do padroeiro protetor, como pagamento pela graça alcançada. As festividades do Divino Espírito Santo entre os caboclos do Goio-En, foram estudada por Marcon (1999), fazendo um registro da cultura e religiosidade caboclo nesse distrito. Ressalta-se que esse historiador não estudou o caráter étnico.

São Sebastião foi um santo da cultura do Brasil colonial. A cidade do Rio de Janeiro tem como protetor esse santo. No interior do Brasil e em especial no oeste catarinense, foram fortes o apreço a esse padroeiro. Historicamente foi o primeiro padroeiro da região de Chapecó. Vejamos o que relata Fortes (1990) a respeito de seu ancestral José Raymundo Fortes e da devoção a São Sebastião.

Sem qualquer orientação religiosa de algum padre ou ministro evangélico, que aqui não aparecia na época, os “caboclos” já acreditavam em Deus como sendo um Espírito Criador de todas as coisas: Onipresente, Onisciente e Onipotente, Justo e Perfeito, premiador dos bons e punidor dos maus (eram ensinamentos transmitidos de pai e mãe para filho). E como grandes simpatizantes do Exército Nacional, naturalmente como reflexo dessa admiração, os “caboclos”, na quase sua totalidade, eram fervorosos devotos de São Sebastião. No dia 20 de janeiro sempre o festejavam, acreditando ser ele, sendo lhes ensinaram, um capitão do exército romano que, por desobedecer ordens superiores de fuzilar (flechas) patrícios seus, foi fuzilado (flechado) e, por isso passou a ser santo (FORTES, 1990, p. 42).

Doação de área do quadro de São Sebastião no então Passo do Carneiro, por José Raymundo Fortes, conforme Memorial Descritivo da Medição da Campina do Gregório, assim consta: [...] Con-

tém nesse lugar denominado Capela de São Sebastião no Passo do Carneiro, que foi pelo possessor doado por escritura pública para patrimônio do dito Santo, que contém uma área de 9.000.000 de metros quadrados. Está demarcada com oito marcos e quinze árvores testemunhas competentemente assinaladas. Vila de Palmas, 25.08.1886 (FORTES, 1990, p. 77).

Atualmente, São Sebastião é o padroeiro da capela do distrito de Marechal Bormann, um dos únicos locais que manteve um templo em sua homenagem. No entanto, as festas lá realizadas em janeiro, em sua homenagem, não são de “adoar” [doação] e partilha. São de arrecadação e venda, em nada se diferenciando das festas “capitalistas”, como nominam os caboclos. Neste caso, poderíamos associar o “adoar” e pagar como uma forma de visão e divisão de mundo, como um marco diferenciador entre os grupos, que se orienta etnocentricamente entre “nós” e “eles”. Esse raciocínio pode ser estendido para a prática de benzeção, que em princípio o “cobrado” não teria eficácia. No entanto, a pessoa que procura o benzimento pode gratificar e não cobrar. Estabelecem uma diferença. Gratificar significa uma opção em retribuir pela eficácia recebida, pela mediação de alguém que tem os poderes de fazê-lo.

Em Chapecó ocorrem mais duas festas de “adoar”, em homenagem a São Sebastião. Uma delas é organizada desde 2005, na localidade de Barra de Rio dos Índios, na sede do Puxirão Caboclo. O culto é oficiado pela senhora designada pelo Puxirão e que também é autorizada pela Igreja Católica. São realizadas rezas, o terço cantado (que era uma prática tradicional), em procissão o mastro é plantado no chão e os fiéis fazem seus pedidos. Depois há almoço partilhado. Como virou um evento “pitoresco”, com presença de população urbana e não cabocla, os organizadores já agendam as doações dos presentes para o ano seguinte. A exemplo das demais festas, ocorre a mesada dos inocentes.

Com a romanização do catolicismo não houve demandas às indústrias de estátuas àqueles desse santo. Muitos ressentem-se hoje por não “conhecê-lo”. Outros gostariam de obter imagem para pôr em oratório particular e tem dificuldade de consegui-la.

Até o ano passado [2005] a festa do Puxirão em homenagem a São Sebastião, não contava com imagem. Valiam-se de uma impressão colorida. Neste ano conseguiram obter a estátua, embora a rigor não tenha as tradicionais flechas no peito². Nessa festa, na liturgia, há um esforço em recuperar uma prática ancestral, a do

² Em entrevista a Sr. Ires Mossi, em Chapecó, a mesma informou que a imagem de São Sebastião, de propriedade paterna, fora quebrada involuntariamente e que não conseguiu até o momento obter nova.

terço cantado. Resgata-lo, entoa-lo como os “antigos”, os avós e pais, está dentre os objetivos dos associados do Puxirão.

Próximo à localidade de Baronesa da Limeira, na Linha São Pedro, o senhor Moacir Brisola há vinte e nove anos realiza a Festa de São Sebastião. Essa já era uma tradição da família. Coube-lhe a atribuição de prosseguir a responsabilidade paterna. Neste ano o número de visitantes aumentou. Da festa são ressaltados os aspectos sacros e a comensalidade redistributiva.

O oratório do Sr. Brisola tem duas imagens de São Sebastião, uma das quais foi comprada e outra doada em 2006 por parente do Paraná, como retribuição de graça alcançada.

Outra festa recuperada e ostentada como marco da etnicidade cabocla é a do Divino. Nos tempos de outrora a bandeira que o antecedia a festa percorria o interior do Brasil. Seu desaparecimento e enfraquecimento pode ser atribuído ao processo de romanização. Em Chapecó, no espírito da inculturação, o Padre Adair Tedesco incentivou seu retorno. Realizou pesquisa sobre os caboclos e o catolicismo popular e apoiou e coordenou a Pastoral Cabocla. Segundo Padre Egídio José Possa:

AR: - Padre Egídio, na sua paróquia quem mais que esteve puxando um pouco o trabalho da pastoral cabocla? Quem tocou para frente? O senhor tem idéia de quem?

PE: - É, aqui quem meio incentivou na época, foi o padre Tedesco. E ele, ele é um professor, era assim da questão bíblica. E um pouco a questão histórica, então ele ajudou (inaudível), como é que era, como é que vieram os primeiros morador, quem eram os morador daqui. Da onde que vieram, como que chegaram né, fez toda essa, pesquisa. E daí ele fez também este resgate dessa, religiosidade popular que é, a festa, festa do divino (Entrevista com Padre Egídio José Possa).

O Padre José Egídio Possa e Padre Tedesco, junto à Pastoral Cabocla, trabalharam para o reconhecimento da cultura local:

PE: - É, no numa época ali o Padre Tedesco nós fizemos muitas, assim, reuniões em conjunto, com uma outra senhora na formação das lideranças. O município de Chapecó foi dividido em cinco regiões. Então a região sul [do município de Chapecó], nós chamamos a região dos caboclos.

AR: - O sul era caboclo então?

PE: - [...] Quer dizer que tem muitas delas que tem também outras cultura.

AR: - Sim, sim.

PE: - Sempre..

AR: - Sim. Sabe um pouco da vida.

PE: - Então a gente pode dizer assim, Linha Almeida, Linha Cachoeira, Barra do Carneiro, São José do Capinzal tem bastante caboclo. - Sempre são as comunidades que estão mais na costa do rio.

Mesmo com o trabalho de reconhecimento histórico, aparentemente, a população não aceitou plenamente a postura da “inculturação”. Se anteriormente, sob o prisma da romanização, o catolicismo popular era reprimido, agora, não davam plena guarida à fala dos religiosos. Um dos exemplos, foi o caso em que pessoas que detinham a bandeira temia mostrá-la ao clero, supostamente romanizado.

PE: E daí então onde foi, descoberto onde tinha uma bandeira duma senhora, que tinha escondida em casa, era, mas daí não, não se encorajava pra, pra fala com o padre né e diziam que tinha em casa uma bandeira. Alguém na missa me disse: “Ah não, tem a minha tia lá, que tem a bandeira”. Convidamos ela, pra reunião. Ela trouxe a bandeira...

Entrevistadora: - E essa senhora que tinha a bandeira, ela tá viva ainda? Têm contato com ela?

PE: E no Bormann também tinha bastante a festa, do Divino, que era a família, de Quadros, de caboclos. A família de Quadros era, assim quem puxava de lá do Bormann e toda essa região. Ali no Bormann diz que ainda tem alguma bandeira que, está com esta família de Quadros, mas tinha uma outra aqui na linha Almeida.

Originalmente, com a bandeira vermelha, percorriam distâncias relativamente longas, arrecadando prendas para a festa. Em maio, no domingo destinado em homenagem ao Espírito Santo à comunidade, com a bandeira, em cortejo dirigiam-se à Igreja. Feito os serviços religiosos havia o almoço. Atualmente, a excursão da bandeira, quando feita, é somente na redondeza. Os participantes inserem-se no cortejo, entoam o hino ao Divino e cânticos religiosos. Cada um dos presentes traz algo para o almoço e este transcorre em clima de festa. Ao contrário do cortejo de “antigamente” e dos “antigos”, como se referem, hoje, o parte toma parte nas atividades profanas, ou seja, as comemorações propriamente ditas. De modo geral, o ofício religioso, na igreja, é realizado por ministro caboclo, que faz a pré-dica sincrética, entre as raízes populares e o catolicismo.

São João é considerado o santo dos caboclos. Melhor dito, estes consideram-no seu santo, ou seja, o padroeiro dos caboclos. Historicamente, São João, no hemisfério norte, era a comemoração de uma nova estação do ano. No Brasil, fogueiras, quadrilhas, casamento caipira e fogueira estão presentes. Ela é uma festa profana. Segundo os caboclos, os “antigos” levavam em conta a dimensão religiosa dessa festa. Na tentativa de “resgatar as raízes”, em 2005 foi realizada festa no sítio do Sr. Ari Spíndola e em 2006, igualmente, naquele local e no Faxinal dos Rosas, sob os auspícios de uma cabocla integrante do Movimento de Mulheres Camponesas e da diretoria do Puxirão Caboclo. Nestes casos, fez-se presente uma ritualização de sacralidade, afastando-se das festas profanas. Recuperaram procedimentos de reza, de circulação pelo espaço físico, da mesada dos inocentes para posterior festa e fogueira. Esta igualmente seguindo ritos dos “antigos”. A diferenciação dessas festas, nos remete ao caráter étnico.

Outro santo venerado é São Roque, considerado o protetor dos animais. Em seu dia há rezas e em caso de animal doente invocam-no. Mesmo que essa crença tenha permanecido obnubilada, hoje, ao contrário, ocorre publicamente.

Quando indagado a respeito das festas que os caboclos realizavam e realizam em honra aos santos, um entrevistado conta e sua fala indica um reavivamento cultural:

AR: - E aquela coisa assim. Então, essa, essa crença no João Maria, ela existiu? Quais eram as festas que o pessoal fazia? Que festas eram importantes?

Ar: - A Festa do Divino Espírito Santo né, que o pessoal [...] mais aqui usamos ainda tudo, não sei se alguém depois já vieram participa, mais nós, nós fazemos todos os ano, mês de maio. - Então, São Sebastião, São João, o pessoal costuma, festeja, faz aquelas fogueira né.

AR: - Isso.

Ar: - Então o pessoal usa, agora ta bastante, ahn, mais ou menos até meio, trazendo de volta né, fazendo essas festa, o, santo até meio, termino.

AR: - E a de São Sebastião vocês fazem aqui na Linha Almeida?

Ar: - Sim. É feito de São Sebastião.

AR: - São Sebastião.

Ar: - São Roque, de São Roque tem um vizinho mesmo que faz.

AR: - E o que é São Roque? Ele protege o quê?

Ar: - Ele é o protetor, éhh, até tem, um gato, a fotografia de um cão, junto a ele né que, ele, então o pessoal tem muita fé, que, ele é protetor dos animais, ajuda, pra não pesteia os animais, né. Então

o pessoal, sempre tem aquela fé né, às vezes promete, faz a [...] um cavalinho, um porquinho. E quando chega, a época do dia dele já se arruma a igreja [...] não precisa tá, comprando nada, já vem tudo doado lá.

AR: - E quando essas festas são assim, que o pessoal doa e depois se dividem ou não?

Ar: - É eles doam, e daí no dia da festa eles partilham né. Comem junto, fazem churrasco, fazem o almoço junto, se juntam.

AR: - E a outra coisa, é, o senhor já ouviu falar da mesada dos inocentes?

Ar: - Como é que é daí que eu não.

AR: - Mesada dos inocentes.

Ar: - Sim. Até inclusive é, comparado essa festa já, para a maioria faz uma, primeira a apresentação das crianças.

AR: - Sim.

Ar: - Serve a criançada dá. Muitos fazem uma, uma promessa às vezes.

AR: - Sim.

Ar: - É, pra quem quer alcança uma graça né, e manda oferece a janta para os inocentes. Uma mesada né, e ah, muitos já tem aquela mania dos sete ou nove.

AR: - Sim.

Ar: - Criança dos mais pobre né (Entrevista com o senhor Arcindo Ribeiro – Ceom).

Quando se levará em conta o “desejo de mobilidade”? Labutas, sobrevivências e organizações tecem-se com Cocanhas e Diásporas. Penépole e Sísifo sempre recomeçando. Àqueles contemplados com “humanidade” celebre-se rituais de reciprocidade. Aos menos iguais, acione-se a fronteira da humanidade/barbárie. Elias (2000) traz à tona a incômoda invariante de estabelecidos e *outsiders*³, infelizmente reiterado e renovado nas diádes senhores feudais/vilões [nobreza/vilania]; brancos/negros; católicos/outros; homens/mulheres; estados nacionais poderosos/pequenos. Quando se romperá essa crença coletiva? Desnaturalizar é preciso. Vigília constante!

Referências

AURAS, Marli. **Guerra do contestado**: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis: UFSC, 1995.

BANTON, Michael. **A idéia de raça**. Lisboa: Edições 70, 1979.

³ Remetemos a Norbert Elias (2000), ao estudar a comunidade de Winston Parva, apresenta-a como miniatura de um tema humano universal. Os estabelecidos acionam a seu favor a dominação dos melhores e fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros. Os *outsiders*, aqueles que chegaram por último, são estigmatizados como pessoas de menor valor humano. Considerava-se que lhes faltava a virtude humana superior – o carisma grupal distintivo – que o grupo dominante atribuía a si mesmo.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BAUMAN, Z. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BOURDIEU, Pierre & SAYAD, S. **Le Deracinement**. Crise de l'agriculture traditionnelle em Algérie. Paris: Minuit, 1964.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1983

_____. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

DIEL, Paulo Fernando. **Em nome de Deus**: a reforma católica e o catolicismo popular caboclo no Oeste Catarinense e Sudoeste do Paraná (1903-1958). (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1995.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARCON, Telmo. **Memória e cultura**: modos de vida dos caboclos do Goio-En (SC). (Tese de Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica – PUC, São Paulo, 1999.

MONTEIRO, Douglas T. **Os errantes do novo século**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

NOVAES, Regina. **Os escolhidos de Deus, pentecostais, trabalhadores e cidadania**. São Paulo: Marco Zero, 1985.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

_____. **Sobre pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

POSSA, José Egídio. Entrevista depositada no CEOM – Acervo Cultura Imaterial Cabocla.

RENK, A. **A luta da erva**: um ofício étnico da nação brasileira. Chapecó: Grifos, 1997.

_____. **Narrativas da diferença.** Chapecó: Argos, 2004.

RIBEIRO, Arcindo. Entrevista depositada no CEOM – Acervo Cultura Imaterial Cabocla.

SCHUH, Marcos Batista. **Etnomemória:** os conflitos evidenciados entre brasileiros e colonos de origem no Distrito de Marechal Bormann – Chapecó. Chapecó: Unoesc, 1999 (mimeo).

Abstract

One of the boundaries between the colonizers and the local population was religious. The “old Catholicism”, the popular Catholicism, did not find refuge in Roman Catholicism. Religion is composed in fact with disputes over the beliefs, and conceptions of life. For many years this “old Catholicism” was not fully accepted between Catholics and Pentecostals. In recent decades, a fraction of the Catholic Church, through the “Caboclo” pastoral, was sensitive to this, incorporating and legitimizing cultural practices with the status of popular Catholicism. This movement, unlike that at the beginning of colonization, encouraged and organized festivals of the popularly worshiped saints. This movement spread to other Caboclo communities, including, beyond the city of Chapecó.

Key words: popular catholicism, culture, caboclos.